

REMUNERAÇÃO

Mesmo na berlinda, CEOs terão aumento

Stela Campos
De São Paulo

A crise financeira levou as empresas a refletirem mais sobre a maneira como remuneram seus comandantes. Embora existam mudanças nos mecanismos de remuneração em curso, elas não devem diminuir os ganhos dos CEOs. Pelo contrário, a previsão é que eles vejam seus rendimentos subir nos próximos cinco anos.

Esta é uma das constatações de uma pesquisa realizada pela Pri-

cewaterhouseCoopers com 340 multinacionais de grande porte situadas nos Estados Unidos, Europa e na região da Ásia-Pacífico sobre as práticas de incentivo e compensação dos executivos. O levantamento mostra que 64% das companhias pretendem aumentar os ganhos dos dirigentes nesse prazo. “Essa perspectiva mostra o quanto as empresas estão otimistas em relação ao futuro”, diz João Lins, sócio da PricewaterhouseCoopers na área de consultoria de recursos humanos.

Na pesquisa, metade das companhias disse ter submetido seus planos de recompensa para executivos aos acionistas no ano passado. Há cinco anos, apenas 33% delas fizeram isso. “Hoje existe uma pressão muito grande do mercado para que elas sigam os princípios de governança”, enfatiza Lins. E se nos últimos anos os acionistas concordavam com as propostas com mais facilidade, diz o consultor, em 2009 eles aprovaram esses planos por maioria simples e não absoluta.

A crise financeira deixou muitos pacotes de stock options “underwater”, isto é, o valor fixo estipulado aos executivos para que pudessem comprar as ações futuramente está mais alto que o atual preço de mercado dos títulos. No entanto, as empresas já estudam a possibilidade de reverter essa situação. Embora 70% delas tenham afirmado que estão pensando em alternativas para compensar as perdas, ainda não há nada definido. “Ninguém sabe quais mudanças serão realizadas”, diz Lins.

O levantamento feito pela PricewaterhouseCoopers mostra que a pressão por responsabilidade individual, assim como uma maior regulamentação externa— em especial por parte dos governos—, além de uma fiscalização mais cerrada dos acionistas, deverão moldar os planos de remuneração nos próximos anos. “A sociedade demanda maior transparência e um amadurecimento das companhias para lidar com essa questão”, afirma o consultor.